



## **Entre azuis e vermelhos: A relação da imprensa com o processo de construção da identidade parintense e amazônica no Festival de Parintins<sup>1</sup>**

Daniela de TOFOL<sup>2</sup>

Maria Elisa MÁXIMO<sup>3</sup>

Instituto e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc, Joinville, SC

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo discutir o papel da imprensa no processo de construção de identidade da comunidade parintense e amazônica através do Festival Folclórico de Parintins. Observando a cobertura feita pelos veículos de comunicação de Parintins e Manaus e através de entrevistas e observações realizadas em junho de 2009, me propus a analisar a relação da comunidade com sua identidade cultural. O trabalho se desenvolve a partir de um resgate da história da cidade, dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido e do Festival, passando pelos elementos que compõem a apresentação nos dias atuais e sua relação com a imprensa. A pesquisa também apresenta uma análise da identidade local e o sentimento de comunidade que está inserido nos parintenses através da rivalidade existente entre os bois-bumbás.

**PALAVRAS-CHAVE:**boi-bumbá; comunidade, identidade; Parintins; rivalidade.

### **Apresentação**

Este artigo se originou do meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação de jornalismo. Seu objetivo é entender o papel da mídia na construção da identidade da comunidade parintense através da cobertura do Festival Folclórico de Parintins, por parte dos veículos locais impressos.

O Festival Folclórico de Parintins é uma manifestação cultural popular, que teve origem nos folguedos de rua de bumbá-meu-boi. Com o passar dos anos e a visibilidade que a festa foi ganhando, os significados dos elementos apresentados na encenação, que dramatiza a morte e ressurreição de um boi, foi se alterando e ganhando traços da cultural local do Amazonas: cabocla e indígena. Com um forte apelo midiático, o espetáculo cresceu e hoje ganha espaço em vários veículos de comunicação do Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo do Ielusc, email: [dani\\_tofol@hotmail.com](mailto:dani_tofol@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Ielusc, email: [elisamaximo@gmail.com](mailto:elisamaximo@gmail.com)



Meu interesse pelo assunto surgiu de uma inquietação pessoal, após uma viagem a Manaus, capital do Amazonas em 2006. No começo, achei a apresentação muito diferente e como não consegui associar com nada que já havia visto comecei a me inquietar. Alguns elementos me chamaram a atenção, como as lendas e os rituais indígenas que eram retratadas pelos bois-bumbás. Outra característica que chama a atenção de quem observa a festa é a rivalidade existente entre os torcedores dos dois bois. Ela pode ser considerada um dos elementos que impulsionou a criação de um Festival para concentrar na arena a disputa dos bumbás. Desde a criação dos folguedos, que saíam nas ruas durante as festas de São João para encenar a morte do animal, a disputa entre os simpatizantes de cada um foi um problema para a cidade, chegando a ocasionar a morte de alguns torcedores.

Meu objetivo era estudar o Festival Folclórico pela representação de identidade cultural que ele exerce na comunidade amazônica. Foi pensando nessa questão que, no decorrer da elaboração do projeto de pesquisa, percebi que a imprensa tem um papel importante nesse processo de construção de identidade.

Durante três anos (2007, 2008 e 2009) acompanhei a cobertura do Festival através de jornais locais, também acompanhei a cobertura feita pelo site de notícias parintins.com, especializado no Festival, no qual pude compreender um pouco melhor o significado que ele tem para seus torcedores e a rivalidade existente entre eles.

Uma das principais observações que fiz nessa etapa do meu trabalho, quando comecei a acompanhar a cobertura midiática, foi a diferença na forma de cobertura entre os veículos locais e os nacionais. Enquanto a mídia local buscava mostrar o que cada boi estava preparando para as três noites de apresentação, como estava a movimentação de turistas e dos bois em Parintins e alguns resgates da história do evento, a mídia nacional, em muitos casos, trazia notícias do Festival usando clichês para tornar a compreensão do público de fácil acesso. A associação do Festival Folclórico de Parintins com o carnaval do Rio de Janeiro, por exemplo, é a forma mais recorrente de comparação feita pelos repórteres que retratam ao público o evento como um desfile, enquanto ele é encenado em uma arena e em forma de teatro. Após observar estes aspectos da cobertura midiática dada ao Festival comecei a me perguntar. Qual o papel da mídia na construção de identidade do Festival de Parintins? Esta pergunta me fez questionar como seria possível explicar a um público que não está habituado com o Festival como ele se configura.



O Amazonas é o maior estado do país, são 1.570.745,680 km<sup>2</sup>, que abrigam a maior parte brasileira da floresta Amazônica. A predominância da cultura local é de origem indígena, apesar de ter apenas 3.221.939 habitantes (IBGE) ele é o estado que mais abriga grupos indígenas no país. Junto a esses grupos outros habitantes que ganharam destaque na colonização desse território foram os portugueses no período do Brasil-Colônia e os migrantes nordestinos que se dirigiram aos estados do norte, sobretudo ao Amazonas na época do Ciclo da Borracha (final do século XIX e início do século XX), para trabalhar como seringueiros ou castanheiros. Dos diferentes grupos indígenas que habitaram ou ainda habitam o estado, foram herdados ritos, crenças e lendas que permeiam o imaginário dos chamados Povos da Amazônia<sup>4</sup>, alguns deles conhecidos por todo o país, como a lenda da Iara, do Boto cor-de-rosa ou da Cobra Grande. Junto a eles se somam várias outras lendas, pajelanças<sup>5</sup> e crendices em deuses que habitam as matas e as protegem dos caçadores, como o Curupira.

No início dos anos 10, quando o ciclo da borracha começou a entrar em decadência, as culturas dos povos da Amazônia e dos nordestinos começaram a se misturar. Dessa mistura cultural, surgiram na região vários bois-bumbás, os mais conhecidos e que existem até hoje, são: Caprichoso e Garantido.

O festejo do boi sempre é comemorado na época das festas juninas em homenagem a São Pedro, São Paulo e São João. De acordo com Julio Cesar Farias (2005), no livro “De Parintins para o mundo ouvir. Na cadência das toadas dos bois bumbas Caprichoso e Garantido”, a teatralização do auto do boi<sup>6</sup> era usada por padres como forma de catequização. “Essa função religiosa ocorreu em virtude da inserção dos conceitos do batismo e da ressurreição no auto pelos missionários jesuítas” (FARIAS, 2005, p. 23). Na encenação herdada do Maranhão, o folguedo representava a história de Pai Francisco e Mãe Catirina, que fogem com o boi mais famoso de seu patrão, pois a mulher está grávida e tem o desejo de comer a língua do animal.

Após muitos anos revivendo a história, outros personagens começaram a ser inseridos. Muitos deles remetendo aos povos da Amazônia. A vontade de relembrar aquilo que o povo originário da região era ou aquilo que eles sabiam que seus antepassados haviam sido foi firmando a concepção de identidade que eles tinham e foi sendo aos poucos incorporada aos festejos juninos através do boi-bumbá.

---

<sup>4</sup> Nome popular dos descendentes da mestiçagem dos diferentes grupos étnicos predominantes na região da Amazônia.

<sup>5</sup> Rituais indígenas protagonizados pelo pajé, chefe espiritual da tribo.

<sup>6</sup> Encenação da morte e ressurreição do boi.



Segundo Rodrigues (2006), nos anos 90, com o surgimento dos movimentos Amigos do Garantido e Marujada, em Manaus, que tinham como objetivo divulgar as toadas<sup>7</sup> e arrecadar fundos para os bois de Parintins, a cultura da cidade do interior ganhou espaço na capital e conquistou mais torcedores. Com a divulgação das toadas nas rádios e o público crescendo cada vez mais nos ensaios, a festa que antes era voltada para as classes mais abastadas, agora começa a ganhar o gosto da elite. Com a divulgação aumentando na capital, o Festival passa por mais um momento de crescimento e ganha as proporções de espetáculo. Nesse momento a mídia começa a se interessar pelo evento, conforme Rodrigues conta.

Em função desse crescimento, as mídias local e nacional voltam os olhos para a festa, dedicando várias reportagens sobre o assunto, chegando, inclusive, a comprar os direitos de transmissão das disputas na arena em 1995. Junto com a imprensa, é claro, vieram os grandes patrocinadores, como a multinacional Coca-Cola, as cervejas Brahma, Antártica, Skol e Kaiser, e outras empresas menores ligadas à telefonia fixa e móvel, a cigarros e a bancos. (RODRIGUES, 2006, p. 91)

Com a festa ganhando mais destaque na mídia, os descendentes de indígenas e caboclos começaram a sentir orgulho das suas origens e não sentem mais vergonha de assumir as suas etnias. No decorrer de todo este processo que modificou a cultura original do Bumba-meu-boi vinda do Maranhão, transformando os folguedos de Caprichoso e Garantido no atual Boi-bumbá de Parintins, algumas raízes se perderam, mas a cultura amazônica ganhou um importante meio de divulgação e preservação das suas tradições.

Visualizar a rivalidade existente na cidade de Parintins não é tarefa difícil para quem à visita. As casas pintadas nas cores azul e vermelho, em tons fortes e vibrantes chamam a atenção e servem como alerta para que os turistas entendam que estão em um lugar onde a rivalidade movimenta a cidade. Para se ter uma idéia de como o parintinense leva a sério o amor pelo seu boi, basta compreender que um torcedor do boi Caprichoso, por exemplo, não pronuncia o nome do boi Garantido, o “outro” é sempre tratado como “contrário”, o mesmo ocorre na torcida do Garantido. A vitória do Caprichoso não é “garantida” pelos seus criadores, ela é “assegurada” e um artista do Garantido não “capricha” em nada, ele se esmera.

---

<sup>7</sup> Ritmo musical típico do Festival. Tem como instrumentos base tambores, repiques, surdos e palminhas. Atualmente também são introduzidos arranjos musicais utilizando violões, teclados, xarangos e contrabaixos. A toada é o fio condutor que perpassa toda apresentação (Rodrigues, 2006, p. 198).



Neste jogo de rivalidade, que perpassa a brincadeira e dita regras de comportamento, escolhas pessoais e profissionais, a cobertura da imprensa também não passa despercebida, ela é vista pelos representantes dos bumbás como um mecanismo de comunicação para a comunidade e também para os torcedores do outro boi. Na tentativa de mostrar ao leitor a importância da rivalidade que os bois exercem sobre toda movimentação da cidade, sobretudo no mês de junho, Rodrigues, que também é jornalista e já cobriu por várias vezes o Festival conta:

Nem a imprensa pode transitar livremente entre essas duas paixões. As equipes de cobertura designadas pelas redações para cobrir a pré-temporada e os três dias de Festival são montadas de forma que os repórteres, salvo raras exceções, cubram exclusivamente um dos bois, para evitar desentendimentos com os dirigentes. O motivo disso é o sigilo mantido sobre o que cada agremiação está preparando em seus galpões para apresentar na arena, pois qualquer um com acesso aos dois lados, passa a ser considerado um provável espião do boi contrário. Não é por acaso que os dirigentes chegam a fazer uma espécie de patrulhamento ideológico visando descobrir as preferências dos jornalistas, com objetivo de decidir se o mesmo pode ou não ter acesso a determinados lugares e informações estratégicas (RODRIGUES, 2006, p. 113).

O que vale lembrar é que o desafio, a disputa e a rivalidade existente entre dirigentes e torcedores dos bumbás é o combustível que criou e alimentou o Festival, sem ele a festa não tem sentido. Sem o azul o vermelho perde o brilho, sem o vermelho, o azul não tem graça. A paixão pelo boi-bumbá é enriquecida pela rivalidade e pela exaltação cultural que ela proporciona. Todo processo de transformação do Festival perpassa a história da região, os costumes e as crenças de seus habitantes, esse é o sentido de sua existência.

As apresentação dos bois-bumbás se constituem de uma espécie de duelo, que acontece na arena do Centro de Convenções Amazonino Mendes, mais conhecido como bumbódromo. No último final de semana de junho (sexta, sábado e domingo) a cidade de Parintins para, os turistas lotam as ruas e hotéis para assistir ao espetáculo. Cada boi-bumbá tem duas horas e trinta minutos para apresentar os 21 itens que serão avaliados e julgados para composição de uma nota que determine o vencedor. Os jurados são escolhidos por uma empresa de auditoria e não podem ser de nenhum estado da região norte, exceto Tocantins. Para se ter uma idéia de como o parintinense leva a sério a rivalidade, todos os jurados precisam usar caneta verde para dar as notas, demonstrando assim imparcialidade com as cores dos bumbás, vermelho e azul.



Alguns dos itens avaliados são comuns a qualquer tipo de apresentação ou manifestação popular, como o apresentador, a batucada ou marujada de guerra (grupo de ritmistas da festa) o levantador de toadas e o Amo do Boi, (que representa o dono do animal). Além deles também são avaliadas as toada, o boi-bumbá, a sinhazinha da fazenda, a vaqueirada, a Porta-estandarte, as alegorias, as coreografias e a organização dos elementos. Porém no decorrer da história do Festival, tentando resgatar a sua cultura, seus usos e costumes, os caboclos de Parintins, começaram a incorporar a festa originária do nordeste elementos nortistas, como é o caso da figura típica regional, o ritual indígena, a cunhãporanga, o pajé, as tribos, a rainha do Folclore e as lendas amazônicas. Vale ressaltar que a platéia tem um papel importante na dramatização, ela faz parte do espetáculo e também é um dos itens avaliados sob o título de “galera” que corresponde a torcida do boi que está se apresentando. No momento que um dos bumbás se apresenta a torcida do rival deve permanecer calada e as luzes do lado correspondente são apagadas. Através destes elementos e da rivalidade entre os bumbás, a festa toma características singulares e passa a fazer parte da identidade local.

Na tarde de segunda-feira, após as apresentações, as notas dos jurados são lidas e é decretado o campeão, que comemora com passeata pela cidade e pode contar vantagem sobre seu “contrário” até a próxima competição.

### **Notas sobre uma experiência etnográfica: a relação entre a imprensa, o festival e a comunidade na construção da cultura local**

Após uma viagem exaustiva de 14 horas entre vôos e espera em aeroportos descansei um dia na capital e cheguei às 6h15 do dia 24 de junho de 2009 ao porto de Manaus para começar de fato minha trajetória rumo a Parintins. O trajeto de 420 km Rio Amazonas abaixo, durou nove horas, mas o cenário que se estendia pela janela do barco fez com que eu não visse o tempo passar. Cheguei na Ilha Tupinambarana às 16h, e de longe já pude me guiar pela imponente torre da catedral Nossa Senhora do Carmo, construída na década de 60.

Como meu objetivo inicial era o de compreender o papel do Festival na construção da identidade local, senti a necessidade de entender como os paritinsenses enxergam o Festival. Qual a importância da festa para eles, já que em junho, eles se tornam protagonistas de uma manifestação que tenta contar a sua própria história. Aos



poucos, fui percebendo que a relação que as pessoas constroem com o Festival passava muito pela imprensa e pela forma como era feita a cobertura. Principalmente porque a imprensa local se constituiu como um espaço de expressão da comunidade em torno do Festival.

A escolha pelos meus entrevistados foi surgindo ao acaso, de acordo com as conversas que escutava pelas ruas ou que eu mesma iniciava com os moradores. Nas conversas que tive com turistas, moradores, artistas dos bois e jornalistas, muitos me relataram que os amazonenses, não só em Parintins, mas em várias outras cidades do Estado, tinham vergonha de ser índios, ficavam chateados quando eram chamados dessa forma pelas ruas. O que o Festival fez em Parintins foi resgatar histórias da cultura que já estavam “adormecidas” e fazer com que seus detentores se enxergassem nela, tornando assim uma relação de identidade cultural muito forte. Bosi trata a questão da identidade afirmando que ela se constitui também de uma repetição de atitudes passadas, pois a comunidade tenta manter costumes antigos vivos na memória do povo atual. Para isso ele afirma que:

O conceito de identidade implica semelhança a si próprio, formulada como condição de vida psíquica e social. Nessa linha, esta muito mais próximo dos processos de reconhecimento do que conhecimento. A busca de uma identidade se alia mal a conteúdos novos, pois o novo constitui uma ameaça, sempre. Ao contrário, ela se alimenta do ritmo, que é repetição: portanto, segurança. Trata-se, em suma, de atitude conservadora, que privilegia o reforço em detrimento da mudança (BOSI, 2000. p. 182, 183).

A questão do novo marca o Festival, o próprio discurso sobre o resgate da tradição e cultura indígena e cabocla pode ser pensado como performance, como um ato comunicativo que emerge da interação que se cria entre o Festival, a comunidade e a imprensa. A imprensa por sua vez, constrói um tipo de discurso sobre o Festival que recria a oposição entre os “contrários”. Pode-se observar um conjunto de performances da imprensa em recriar essa identidade.

O conceito de identidade que Bosi apresenta aponta para um possível medo de mudança, medo do novo, por acreditar que ele possa mudar sua identidade. Mas a identidade, segundo Tomas Tadeu da Silva (2000) é o que o indivíduo é, e também o que ele afirma não ser, nesta perspectiva, estamos em constante mudança, pois nossas escolhas sempre estão mudando. Hoje eu gosto de amarelo, amanhã posso preferir o verde, neste sentido a identidade também não é estática, ela está constantemente em construção. Assim como ela, o Festival também se reconfigura à medida em que vai





ganhando mais visibilidade, ajudando a comunidade a mostrar para o país sua cultura e em muitos casos servindo como “bandeira” para questões sociais locais como é o caso da biodiversidade, sempre em um processo contínuo de transformações.

Desta forma a mídia promove um espetáculo construído também para a mídia. O discurso dos bois-bumbás é de que seus objetivos ao procurar visibilidade nacional e até mesmo internacional para sua festa é promover a Amazônia, a cultura cabocla e indígena, mas eles já montam um espetáculo pensado para a mídia, para ser mostrado. O boi-bumbá serve como combustível para esse anseio em se mostrar para o mundo, o Festival é o fio condutor desta procura.

Como a Rede Bandeirantes adquiriu o direito de arena, no momento do Festival, somente sua equipe pode percorrer a arena do Bumbódromo, os outros veículos ocupam um lugar destinado à imprensa que se localiza entre a arena e as cadeiras pagas. Se trata de um corredor de aproximadamente um metro de largura que percorre quase todo perímetro em volta do bumbódromo, sendo o único local de acesso onde uma mesma pessoa pode circular entre os dois lados da arena, o lado do Caprichoso e o do Garantido. Além da Bandeirantes, várias equipes de todo país se deslocam até Parintins para acompanhar o evento. Muitas vezes, viajam à convite da Coca-Cola, maior patrocinadora do Festival, que visando promover o evento e expandir a sua cobertura convida jornais de diferentes regiões do país para acompanhar o evento.

Ao pensar no que será mostrado do Festival de Parintins para o restante do país, a imprensa se concentra em relatar para seu público a história do evento, a rivalidade entre os bois e os pontos turísticos de Parintins. A imprensa que vem de outros estados não está acostumada com as peculiaridades que o Festival apresenta, por isso para elas a tarefa de informar seu público se torna mais difícil e exige deles mais tempo de apuração. O que pode ser observado na maioria dos jornais nacionais que cobrem o evento é uma explicação sobre a rivalidade existente entre azul e vermelho e como isso movimentou a cidade. Uma comparação recorrente nesses casos é do repórter fazer uma associação da Festa na Amazônia com o Carnaval do Rio de Janeiro, fazendo com que em muitos estados o Festival ganhe o apelido de “Carnaval do Amazonas”, o que não é bem aceito pela maioria dos parintinenses. Além da comparação com o carnaval carioca ou paulista também são feitas associações da disputa com a rivalidade existente nos jogos de futebol. Embora, os eventos mencionados sejam de grande destaque na mídia, os parintinenses não gostam das comparações. Para eles, o Festival não é carnaval e não tem nenhuma relação com o futebol.





Embora muitos artistas dos bois trabalhem para escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo, coordenando a construção de vários carros alegóricos, eles não querem a imagem do Festival associada ao carnaval. Para eles o Festival não é e não se transformará em carnaval, o que, segundo Tomaz Tadeus da Silva (2002), também pode ser associado à sua identidade, o que eles afirmam não ser também faz parte do que eles são (SILVA, 2000). No conceito de identidade proposto por Silva (2000), a identidade é primeiramente o que se é. A identidade dessa forma parece uma positividade (aquilo que eu sou), é uma característica própria, que só tem como base a si próprio. Em contraponto, a diferença é percebida como uma oposição à identidade, a aquilo que o outro é. A diferença também é tida como referência para construção de uma identidade. Dizer o que eu não sou também é afirmar uma identidade. “Sou amazonense”, “ela é baiana”. “É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência” (SILVA, 2000, p. 74).

Conforme explica o autor, quando afirmo alguma característica da minha identidade, não estou consolidando somente ela, mas também estou dizendo tudo o que afirmo não ser, tudo o que é diferente da minha identidade. O próprio fato de alguém ter que afirmar o que ele é se dá pelo motivo de existirem outras pessoas diferentes dele. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são pois, inseparáveis” (SILVA, 2000, p. 75).

Porém, o parintinense não vê sua festa associada ao carnaval, porque ele tem o sentimento de não pertencimento àquela comunidade. A comunidade parintinense demarcou essa fronteira, “eles são o carnaval”, “nós somos o Festival”.

Apesar desse sentimento de não pertencimento à cultura popular de carnaval, a visibilidade que o Festival procurou ao ter uma transmissão nacional é melhorar essa visão dos turistas de fora da região norte. Mas, a transmissão que eles têm como referência para visualizarem sua cultura sendo mostrada para o país é a do carnaval. Na entrevista realizada com o jornalista Menciús Melo, ao questionar sobre a cobertura nacional que estava sendo feita, ele destaca que:

Eu sou amazonense, então se for pra transmitir como eu quero tem que começar do início ao fim sem corte sem nada, explicando tudo, mostrando tudo bonito como é na arena. Ela não vai conseguir fazer isso ainda, tá conseguindo aos poucos, eu acho que mais três anos, quatro, cinco pra que se entenda melhor a dinâmica do Festival que não é um carnaval. Como eu ouvi em São Paulo, o carnaval de índio, o carnaval de caboclo, não sei o que. Então, eu acho que a mídia ela tem de aprender com o boi, porque a mídia ela faz parte também de todo um sistema político, social e geográfico que se estabeleceu no Brasil. Tudo se conhece a respeito do sul, nada a respeito do



norte. Tirando o tacacá de Belém, o carimbo e o boi de Parintins que é a toada né, o Tic-tic-tac, e o Vermelho que estouraram nacionalmente, mas muito pouco se sabe sobre as lendas da Amazônia, a riqueza do folclore amazônico.

A observação estabelecida pelo jornalista teve como referência a transmissão televisiva ao vivo que a Rede Bandeirantes de Comunicação está fazendo em canal aberto desde 2008. Mas podemos perceber que ele destaca que a mídia dá espaço para o reconhecimento da cultura local. Também podemos observar que o profissional que é da região e trabalha em um veículo local tem a mesma visão dos parintinenses, Festival não é carnaval. Esta visão não foi observada somente na fala de Menciús, na entrevista com o editor executivo do jornal “A Crítica” também de Manaus, ao falar sobre a cobertura nacional, Rodrigo Araújo também explica que o Festival não é carnaval:

É um Festival que acho que todo brasileiro devia assistir, porque é uma coisa magnífica mesmo, acho que não tem, eu não sei, eu não vejo nada assim no resto do país. Falam muito acho que comparando com o carnaval do Rio de Janeiro, eu já fui cobrir o carnaval do Rio de Janeiro, são festas distintas né, na dinâmica de apresentação, de tudo é muito diferente. Eu não sei, são festas muito distintas, é um equívoco falar: é como se fosse o carnaval do Rio de Janeiro. Pra mim não tem nada a ver.

A compreensão dos jornalistas é visível, eles têm esse desejo de visibilidade e abrangência, mas sabem que os parintinenses não gostam de ter sua manifestação cultural comparada com a carioca, isso faz com que eles produzam matérias com informações mais contundentes para comunidade local. Eles também pertencem à comunidade, vivenciam suas experiências culturais, torcem para um dos bois e conseqüentemente sabem melhor o que é interessante mostrar e como mostrar nos jornais.

A questão da rivalidade entre os contrários é muito explorada pela imprensa, principalmente pela mídia local, ou seja, de Parintins e de Manaus, seja através de fotografias das fachadas das casas dos moradores pintadas nas cores dos bumbás, ou na própria concepção gráfica do jornal. Os impressos são divididos igualmente entre os bois, cada qual tem seu espaço, na maioria das vezes demarcado pelas cores correspondentes. Essa composição facilita a proximidade da comunidade com o jornal, porque proporciona uma relação de pertencimento (HALL, 2005), os torcedores podem encontrar ali um lugar para construção e fortalecimento das identidades associadas à cada lado da disputa. No jornal, a rivalidade se atualiza e, deste modo, torna-se um



espaço de experiência das pessoas. Nos veículos locais eles têm a oportunidade de encontrar informações sobre a comunidade (vermelha ou azul) a qual pertencem. Assim, os torcedores do boi, formam uma “comunidade simbólica” capaz de criar um “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (HALL, 2005, p. 49). O jornal contribui para criação da “comunidade imaginada”<sup>8</sup>, pelos torcedores que remetem os símbolos do boi a sua identidade porque eles vêem as características dos seus bois destacadas por aqueles veículos.

Essas relações que são estabelecidas entre os torcedores e os bois-bumbás criam o sentido de comunidade tratado por Bauman (2003), pois ela se assemelha ao desejo de pertencimento a “um mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir” (BAUMAN, 2003, p. 9). Este mundo seria o do espetáculo, da representação, das lendas e do ritual do Festival, que compreende todo contexto onde a festa está inserida, mas também é o mundo narrado e contado através da memória coletiva da comunidade. As histórias do processo de construção dessa identidade cultural são revividas pela comunidade através dos jornais, quando eles buscam relatar novamente toda trajetória da festa.

No período em que permaneci em Parintins pude observar que a forma como a imprensa local cobre o Festival é muito diferente dos demais meios de comunicação nacionais. A imprensa local, de certa forma, participa da apresentação. Os jornalistas vibram com o boi e com a torcida. Festival não é para eles uma novidade, eles fazem parte da comunidade, por isso conseguem fazer matérias mostrando o que os parintinenses querem saber sobre a festa. Sua ligação com a comunidade é muito mais intensa, mas nesse âmbito deixam de ser somente jornalistas e passam a ser participantes.

Os jornalistas de veículos locais já se conhecem e são conhecidos pelos “bumbas”. Os jornais da capital, “A Crítica” e “Amazonas em Tempo” possuem uma sala para redação dentro do bumbódromo, os outros veículos dividem um espaço destinado à imprensa na Agecom (Agência de Comunicação) que fica anexo ao bumbódromo. Através de entrevistas com os profissionais destes veículos, soube que estes jornais possuem repórteres exclusivos para cada boi-bumbá. Todas as matérias referentes ao Caprichoso são assinadas sempre pelos mesmos repórteres e a mesma

---

<sup>8</sup> Referente a esta discussão também pode-se citar o trabalho de Benedict Anderson (1991) e o seu estudo de que o nacionalismo surge e se expande a base de uma “comunidade imaginada” criada pela atuação da imprensa na continuidade do pertencimento de um indivíduo de fazer parte de uma mesma comunidade nacional.



coisa acontece no Garantido. Quando a matéria fala sobre os dois bumbás é assinada por dois repórteres, um de cada boi. Isso se dá pelo fato dos bumbás fazerem um controle das preferências dos jornalistas, chegando a bloquear sua entrada nos galpões se souberem que ele é torcedor do boi contrário, ou a escolher que informações ele pode saber sobre seu boi-bumbá.

Os jornais “Amazonas em Tempo” e “A Crítica” publicam todos os anos cadernos especiais sobre o Festival. Eles têm duração de aproximadamente uma semana. As equipes também não permanecem muito tempo em Parintins, ficam de dez a quinze dias na ilha coletando informações para as matérias. As matérias publicadas nos cadernos especiais são sobre os preparativos para o Festival, entrevistas com os itens individuais de cada boi, a movimentação dos turistas, a infra-estrutura da cidade e policiamento, além de tentar mostrar um pouco do que cada boi vai apresentar nas alegorias, segredos que os artistas tentam guardar “a sete chaves”. Nos dias de Festival, as matérias trazem um resumo do que foi apresentado na arena e os preparativos para a próxima noite.

Selecionei alguns trechos de entrevistas com jornalistas que estavam cobrindo o Festival para explicar a dinâmica da cobertura jornalística no evento. Menciis Melo, jornalista do “Amazonas em Tempo”, explica que essa prática é comum nos jornais da região porque todos se conhecem e sabem das preferências dos amigos.

Trabalho no Em Tempo a cinco anos, e a cinco anos cubro o Festival, porque mesmo que não cobrisse eu iria vir pra Parintins de qualquer maneira, correndo o risco da demissão inclusive. O boi na mídia ele se divide assim, o primeiro ponto é que todo mundo sabe quem é Garantido e quem é contrário. Por exemplo, eu sou Garantido, é doloroso pra mim vestir a camisa do meu jornal em vez de vestir a minha camisa vermelha e branca mais eu tento ser mais possível profissional. Mas deixo a camisa do Garantido na minha cintura. Agora a mídia é toda assim, mas a gente se respeita, porque quem trabalha nesse meio no Amazonas, se cruza muito em Manaus, afinal de contas é o pólo de encontro de todo mundo, então é muito fácil você saber quem é Garantido e quem é contrário. Então não é justamente isso que aqui em Parintins você vai maquiagem ou esconder, muito pelo contrário, pro Parintinense e pra festa é melhor que você assuma a sua posição. Agora é claro, na hora de escrever um texto, na hora de falar sobre a festa de Parintins, sobre o Garantido e Caprichoso, agora eu posso falar o nome do Caprichoso porque eu estou falando profissionalmente, eu escrevo com a isenção de quem tá cobrindo um evento da maior envergadura cultura folclórica do Brasil. Então eu não posso de forma alguma deixar a minha paixão falar alto. Assim como eu conheço amigos, colegas que também não permitem. Um ou outro exagera um pouco nas cores, puxando um pouquinho pra um ou pra outro, mas mesmo assim a imprensa amazonense na sua esmagadora presença no Festival é uma imprensa neutra na hora de escrever os erros e os acertos tanto de Garantido quanto de Caprichoso.



Podemos observar na fala do jornalista que eles se envolvem com o Festival. Ele, por exemplo, usa o mesmo termo que os parintinenses usam para chamar o outro boi, “contrário”, mas, sem se confundir, pronuncia o nome do Caprichoso quando está “falando profissionalmente”.

Allan Rodrigues que já atuou como jornalista na cobertura do Festival para o jornal “A Crítica” e em 2009 estava fazendo os comentários do boi Garantido para Bandeirantes também me relatou como é a atuação dos jornalistas no Festival, acrescentando que são os próprios bois que exigem saber para qual boi-bumbá o jornalista que está fazendo a matéria torce

Então o Festival move essas coisas esses tipos de comentários, porque é uma coisa de paixão e a imprensa nesse meio todo, eu já tive que cobrir o Festival, a imprensa ela é patrulhada, os dois bois querem saber qual é o seu boi. Se você vai cobrir o Caprichoso eles vão querer saber se você é Garantido. Se você disser que é Garantido você vai ter acesso a algumas informações e a outras não, ao passo que se você diz, não eu sou Caprichoso, aí eles vão te dar todo o acesso, ainda vão te restringir, mas vão te dar mais acesso que te dariam se você dissesse que é Garantido. (...) Quando os jornais de Manaus montam suas equipes pra cobrir o Festival de Parintins, eles já montam perguntando, você é Garantido ou você é Caprichoso, se o cara falar é Garantido vai pra equipe que cobre o Garantido, se fala que é Caprichoso vai pra equipe que vai cobrir o Caprichoso. São orientados a chegar a Parintins a não vestir camisas azuis e camisas vermelhas, durante o momento que estão trabalhando e recomendasse que depois também, pra não sofrer nenhum tipo de represália, então já existe esse encaminhamento desde o momento que você sai de Manaus quando você monta a equipe. Já se monta a equipe pensando nisso, fulano é te tal boi então põe ele lá, porque lá dentro ele vai ter mais condições de fazer.

Os relatos mostram que não são os veículos que, por vontade própria, optam por jornalistas designados para cada boi. São os boi-bumbás, que através da negação ou restrição de informações para os jornalistas, ditam as regras da cobertura. A rivalidade entre azul e vermelho pauta o jornal desde o momento em que os editores vão montar suas equipes.

Apesar do discurso, em alguns momentos, sugerir uma relação de exterioridade com o Festival, como se os jornalistas estivessem de fora, eles efetivamente são parte do processo. Eles estão envolvidos com a manifestação, com a importância cultural que o Festival representa para o Amazonas e para região norte, neste sentido, ele está falando da sua própria importância cultural, porque ele também faz parte desta comunidade. Bauman explica a questão da reconstrução do sentimento de comunidade, afirmando que:



Quando as velhas histórias de filiação (comunitária) já não soam verdadeiras ao grupo, cresce a demanda por “histórias de identidade” em que “dizemos a nós mesmos de onde viemos, quem somos e para onde vamos”; tais histórias são urgentemente necessárias para restaurar a segurança, construir a confiança e tornar “possível a interação significativa com os outros (BAUMAN, 2003, p. 90).

Hall (2005) também discute sobre essa construção do sentimento de identidade da comunidade, alegando que nela também está contida a tradição inventada que são histórias geralmente recentes, que são repetidas e interpretadas diversas vezes para serem fixadas no simbolismo daquela identidade. Esse conjunto de símbolos e seus significados criam uma comunidade imaginada que é formada pelas “memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança” (HALL 2005, p. 58).

As histórias de identidade que o autor referencia e a urgência em reafirmar a identidade através dos valores da sociedade em questão retratam o processo ao qual a comunidade parintinense passou em todo percurso da cultura de boi e do Festival na cidade. Identidade que se constrói e se afirma pelo Festival e pela disputa que ele narra. A comunidade se afirma na cultura representada pela manifestação cultural. Nesse percurso, os veículos de comunicação locais têm um papel importante. Através do enfoque dado por eles à festa, eles contribuem para a criação deste sentimento de comunidade, de compartilhamento de uma identidade cultural. Mas, sobretudo, desempenham este papel, pois, os próprios profissionais que estão servindo como comunicadores para aquele grupo também fazem parte dele e interagem com a “galera”.

### **Considerações Finais**

Entendendo que os profissionais da imprensa que cobrem o evento também têm o sentimento de pertencimento a esse grupo, o sentimento de identidade que o Festival provoca na imprensa local, através dos jornalistas que nasceram em Parintins ou que levaram o evento para dentro do jornal por gostarem dele, faz com que a informação produzida para comunidade seja uma forma de prestação de serviços ao público envolvido com a festa, uma maneira encontrada pela comunidade para se ver retratada da forma que ela quer ser vista e compreendida. A cobertura da imprensa local ajuda a comunidade a manter a memória coletiva do processo de construção da identidade do



Festival, e conseqüentemente a sua história. O fato dos profissionais de comunicação serem envolvidos com os bois proporciona um outro olhar para o que é de interesse da comunidade. Nesta perspectiva, o jornalista não é só um profissional da comunicação, mas passa a ser co-autor da festa a medida em que a torna exibida e partilhada com a comunidade.

A questão que fica pertinente em minha cabeça é, eles estarão informando com isenção e imparcialidade? Não, é quase impossível ser imparcial em Parintins, já que isento fica claro que eles não são. Acredito que esta pesquisa serviu sobre tudo, para discutir as relações de identidade com aquela comunidade, para mim, tão peculiar. Mas, também serviu para me impulsionar a mergulhar nas pesquisas antropológicas, despertando um interesse ainda maior em continuar pesquisando e conhecendo essa manifestação cultural que já acompanha meus pensamentos por três anos.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities: reflections on the origins and spread of nacionalismo**, Londres, Verso, 1991.
- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003
- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira Temas e Situações**. São Paulo, editora Ática, 2000.
- FARIAS, Julio Cesar. **De Parintins para o mundo ouvir: Na cadência das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido**. Rio de Janeiro: Litteris editora, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005
- RODRIGUES, Allan. **Boi-bumbá Evolução: Livro Reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins**. Manaus: editora Valer, 2006
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In:            **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 1. p. 73-102